

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: ESTUDO E PERSPECTIVAS

ALUNA: ADRIANE SARZI SARTORI
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a ELIZARA CAROLINA MARIN

RESUMO

Educar, levando em conta a construção do conhecimento, é uma tarefa fundamental, porém complexa. Quais saberes devem ser selecionados e como trabalhar na sua construção? A partir desses questionamentos, voltamos o nosso olhar para a especificidade da Educação Física Escolar no ensino médio. Este artigo foi construído a partir da experiência como professora e do diálogo com autores considerados importantes objetivando levantar algumas perspectivas para a disciplina as quais não representem apenas uma atividade prática na escola, mas um componente curricular pertinente e valioso na formação do educando. A inexistência de uma proposta curricular definida, conseqüente da pluralidade cultural de um país da dimensão do Brasil e das diferentes propostas teórico-metodológicas em torno da Educação Física Escolar, dificulta a prática pedagógica e aumenta os desafios ao longo da atuação profissional. O ideal é organizar uma proposta curricular, na busca de uma prática responsável e frutificadora. Tal meta está ao alcance dos profissionais que se envolvem verdadeiramente com o contexto onde estão inseridos.

Palavras Chave: Currículo, Ensino-Aprendizagem, Cultura do Movimento Humano, Esporte e Jogo.

Introdução

Este artigo visa a contemplar, através da sistematização do conhecimento, possibilidades de atuação docente onde a disciplina de Educação Física Escolar represente significativamente na formação do educando, elencando saberes para além da prática esportiva e acreditando na inclusão do jogo (jogo jogado, jogo criado, jogo transformado, conforme expõe Darido & Rangel, 2005), como estratégia e metodologia de ensino-aprendizagem que favoreçam a inclusão do educando e o seu crescimento em relação às possibilidades enquanto cultura do Movimento Humano.

Portanto, os esforços estarão concentrados na investigação de possibilidades e perspectivas capazes de facilitar e enriquecer o dia-a-dia da Educação Física Escolar. Nessa perspectiva, os objetivos propostos devem ser pertinentes e devem concorrer para ampliar o universo em relação à Cultura do Movimento Humano.

Este estudo é fruto de dúvidas e inquietações que surgiram na prática docente, atuando há mais de quinze anos na rede pública estadual de pelo menos três municípios

diferentes, com experiências, acertos, erros, conquistas e frustrações inerentes ao processo. No entanto, desenvolver projetos de ensino-aprendizagem em meio a tantos questionamentos e possibilidades torna-se um grande desafio, e que, muitas vezes, passa pelo processo de tentativa e erro – como parte, inclusive, do processo de ensino-aprendizagem.

Na busca de concorrer para o acerto e minimizar os enganos, desenvolveremos este estudo, acreditando ser uma oportunidade para construir caminhos, metodologias e vislumbrar referenciais capazes de contemplar diversos conteúdos, que enriqueçam e valorizem os caminhos trilhados pela disciplina de Educação Física no Ensino Médio.

O sucesso da trajetória acontecerá na medida em que as Instituições de Ensino Superior, educadores, legitimadores da prática escolar, e educandos estiverem engajados na luta por uma Educação Física de qualidade. Passa, portanto, pelos conhecimentos historicamente construídos, pela mediação dos profissionais em sala de aula e será enriquecida pela cultura corporal que os educandos trazem através de sua trajetória familiar, social e cultural.

Cabe destacar que o acervo trazido pelo educando quando chega ao ensino médio não pode ser negado, uma vez que ele representa as experiências e os conhecimentos acumulados durante a sua trajetória de vida, enriquecida pela família, pela escola e pela comunidade onde está inserido.

A construção de um projeto de trabalho onde educandos e educadores sintam-se realizados e coparticipantes está diretamente relacionada ao planejamento, à execução, e à avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

Para a construção de um processo de ensino-aprendizagem significativo e eficaz, faz-se imprescindível que os conteúdos selecionados e a serem desenvolvidos sejam relevantes, flexíveis, acessíveis, motivantes, enriquecedores e engajados no projeto político-pedagógico da instituição de ensino onde o mesmo se faz realidade.

Portanto, repensar constantemente este currículo e construir práticas pedagógicas adequadas são estratégias indispensáveis. Nesse sentido, realizamos uma investigação na produção teórica sobre a Educação Física Escolar dirigida ao ensino médio. Trabalhamos na construção de uma proposta curricular que vá além da prática esportiva, a partir da cultura corporal de movimento historicamente construída, do contexto onde a escola está inserida e das possibilidades de inserção deste conhecimento no cotidiano do educando.

Este trabalho tem seu embasamento teórico-prático subsidiado por referências bibliográficas e documentais, relacionadas ao problema da pesquisa, tais como livros, artigos de periódicos, referenciais curriculares, entre outros estudos. A discussão foi realizada a partir da atuação por mais de quinze anos de atividade docente (regência de classe). Além disso, a busca por esta proposta de trabalho vem ao encontro da necessidade de profissionais que como eu questionam a sua prática constantemente e sentem necessidade de ratificar a sua prática em prol de uma Educação Física centrada na Cultura do Movimento Humano e consciente do seu papel enquanto fenômeno social.

Educação Física Escolar Brasileira: Em Busca de uma Identidade

Acreditando que a Educação Física acontece a partir do Movimento Humano, aqui concebido muito além do conceito biomecânico, do simples deslocamento do corpo ou de parte dele através de um tempo e espaço, realizaremos algumas considerações que facilitarão a compreensão do tema.

Kunz (1991, p.163) alerta para a necessidade de investigação constante a respeito da realidade do Movimento Humano. Segundo ele, poucas pesquisas são efetuadas a partir de temas como a percepção, as emoções e os sentimentos e suas relações com o “Se-movimentar” do homem. Essa fundamentação mais criteriosa concorreria para uma concepção mais humana e menos técnica do Movimento Humano.

O movimento é visto nessa análise, como uma das formas de entendimento e compreensão do Homem em relação ao seu contexto de relações, seu mundo.

Movimento é uma “ação em que um sujeito, pelo seu “se-movimentar”, se introduz no Mundo de forma dinâmica e, através dessa ação, percebe e realiza os sentidos/significados em e para o seu meio”. (TREBELS, 1983 apud KUNZ, 1991, p.163).

A Educação Física Escolar, através de sua trajetória, interfere no sentido e significado do Movimento Humano. Toda criança, adolescente, ou mesmo adulto leva consigo experiências marcantes relacionadas ao “Se-movimentar” no contexto da vida escolar. Quão positivas ou fortificadoras serão essas experiências vai depender da concepção de Movimento Humano (objeto do processo) que será evidenciada em seu dia-a-dia enquanto educando, ou seja, sujeito do processo.

O Movimento Humano cumpre várias funções. Kunz (1991), apoiado em

diferentes autores, esclarece alguns Sentidos/Significados do Movimento que aqui destacamos. Sentido Comparativo, típico dos esportes normatizados cujo único objetivo é o rendimento, a competição e a vitória esportiva. Sentido Explorativo, manifesta-se nos movimentos com a intenção de conhecer e interpretar objetos materiais pelo seu uso, pelo contato com os mesmos e com o mundo material e social. Sentido Produtivo, o movimento manifesta-se especialmente na produção de obras artísticas e objetos de valor utilitário. Sentido Comunicativo, manifesta-se especialmente em atividades/gestos humanos com a finalidade de expressar alguma intenção, saudação ou idéia, enfim, a comunicação corporal. Sentido Expressivo, finalmente, esse se manifesta especialmente pela expressão de emoções, sentimentos, impressões, gestos, atividades esportivas, artísticas, ou pela própria expressão corporal.

Nessa perspectiva, o Movimento Humano não pode ser considerado somente um fenômeno físico espaço-temporal. Sua compreensão precisa apropriar-se também da intencionalidade e do significado da ação. Ação esta que acontecerá a partir de vivências próprias e enriquecidas com as trocas que os grupos e o saber institucionalizados são capazes de oferecer.

De acordo com as palavras do autor (TAMBOER,1989 apud KUNZ,1991, p.172), quando se refere à “Ação” ou ao “Agir” do Homem, ele pretende dizer que nesse processo ocorre a “realização de relações significativas”, o que acontece de múltiplas formas, como, por exemplo: “ver não é a mesma coisa que falar, e pensar não é a mesma coisa que se movimentar”. O autor segue explicando que não é possível diferenciar uma “atividade corporal” de uma atividade “não corporal”. Na concepção da “Imagem de Corpo-relacional”, o “movimentar-se é tão corporal como o pensar, ou como o perceber ou falar, no sentido de que em todos esses casos pretende se referir à concretização de determinadas relações com o Mundo”. (TAMBOER,1989 apud KUNZ,1991, p.173).

Levando em conta os pressupostos anteriores, passaremos a tratar especificamente da disciplina de Educação Física e o seu acontecer na Escola.

O *glamour* que é característico do curso de Educação Física Escolar, e a euforia dos profissionais em formação não raramente transformam-se em frustração ao deparar-se com a realidade do componente curricular no sistema educacional de ensino.

A realidade em questão expõe o profissional a uma situação de abandono em relação aos aspectos pedagógicos e aos princípios norteadores que deveriam orientar e auxiliar os professores em relação aos saberes a serem elencados, sua importância no

processo ensino-aprendizagem e a discriminação de acordo com o grau de ensino.

Esse entendimento equivocado de “autonomia” que é disponibilizado para a disciplina de Educação Física Escolar foi responsável pela construção de uma confusão curricular onde os profissionais, de forma “aleatória”, constroem seus currículos e sustentam sua autonomia e propriedade a partir da motivação e dos resultados alcançados com seus educandos.

De acordo com esta realidade, observa-se que os educandos em formação ficam à mercê dos conhecimentos, ou da ausência deles, a respeito do Movimento Humano dos profissionais que farão parte da sua vida escolar.

As experiências dos profissionais de Educação Física Escolar, o conhecimento adquirido ao longo da trajetória, as expectativas do trabalho pedagógico e as pluralidades culturais de cada região não podem ser desconsideradas, no entanto esse contexto sozinho não pode representar a disciplina de Educação Física Escolar de forma integral.

O apoio pedagógico dentro da instituição de ensino e do processo educacional como um todo, agregado à construção de referenciais curriculares de base (elaborados de forma responsável e a partir do contexto vivenciado pelos profissionais que demandam a prática e que estão realmente envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem, onde o educando representa o eixo central do trabalho e o objeto a ser explorado, o Movimento Humano com suas inúmeras possibilidades), com certeza, enriqueceriam o universo da disciplina de Educação Física Escolar e ratificariam sua importância na formação integral do educando.

Essa carência torna-se mais evidente a partir do momento em que as próprias instituições formadoras (Instituições de Ensino Superior) também não possuem uma direção coletiva a respeito de diretrizes curriculares em âmbito geral, sem desconsiderar, é claro, as particularidades contextuais.

Instigados por esse conflito nós, profissionais de Educação Física, precisamos encontrar uma fórmula que aproxime e concilie objetivos, a fim de que o conhecimento acadêmico e o saber construído na prática cotidiana consolidem o fazer didático-pedagógico do componente curricular da Educação Física Escolar.

Concordamos com Bracht (2007, p. 27) quando afirma que

“o professor não deve aplicar teoria na prática e, sim, (re)construir (reinventar) sua prática com referência em ações/experiências e em

reflexões/teorias. É fundamental que essa apropriação de teorias se dê de forma autônoma e crítica, portanto como ação de um sujeito, de um autor”.

Os desencontros são muitos e as intervenções de sucesso ainda não têm grande representatividade, uma vez que o elo entre profissionais de ensino superior torna-se diminuto a partir do momento em que o profissional de Educação Física ingressa no mundo do trabalho.

Esse distanciamento (fato e preocupação que deveriam fazer parte do dia-a-dia dos dois segmentos) afeta o desempenho de ambos e minimiza a interferência enriquecedora que o saber acadêmico (em constante estudo e mudança) é capaz de oferecer. Teoria e prática são indissociáveis e precisam estar comprometidos na construção do conhecimento, promovendo desdobramentos e mudanças nos aspectos: humano, cultural, social e político.

Nesse sentido, a acomodação do profissional que se instala no mundo do trabalho precisa ser abalada de alguma forma. Não restam dúvidas de que a aproximação incondicional e permanente de ambos os segmentos enriqueceria os caminhos trilhados pelo embasamento teórico, bem como qualificaria a prática. Esse é o sonho que construiria a realidade ideal. Resta agora descobrir os caminhos que viabilizariam esse processo.

Cursos de formação continuada estavam sendo oportunizados no contexto onde atuou (a exemplo do projeto de extensão do CEFD/UFSM e professores da Região da Quarta Colônia) com o intuito de aproximar a teoria da prática, construir uma realidade escolar e universitária congruentes, motivar profissionais para que tragam às suas práticas o hábito da pesquisa, enfim construir juntos um processo de ensino-aprendizagem enriquecedor, plural, acessível, agregador, motivante e com viés de emancipação. No entanto, essa política foi desmantelada por uma estrutura governamental estadual repressora e autoritária (Gestão no RS 2007/2010).

Cabe considerar que, ao final do ano letivo de 2009, chegaram às escolas públicas documentos intitulados como Referenciais Curriculares que, de alguma forma, buscam apontar um norte para a disciplina de Educação Física. Esses referenciais têm seus méritos e podem auxiliar de forma positiva na construção dos planejamentos escolares.

Mapas de competências e habilidades são discriminados no processo de construção do conhecimento. Tal metodologia promove mudanças e provoca

desacomodações, o que é bastante positivo.

A grande interrogação a respeito desses documentos é como eles foram produzidos, em que momento e quais os fundamentos decisivos na sua elaboração. É pertinente pensar, uma vez que os Referenciais chegaram prontos e acabados para o conhecimento dos profissionais interessados. Portanto, é preocupante a forma isolada como foi conduzido o processo. Vale registrar que poderia ter sido uma construção coletiva, onde a dinâmica dos trabalhos envolvessem os pesquisadores, as universidades e os profissionais que atuam na escola.

Educação Física Escolar No Ensino Médio

A experiência, as reflexões e a aproximação com concepções e proposições teórico-metodológicas consubstanciaram inquietações. Como envolver as mais variadas formas de se movimentar? Como minimizar a supremacia do esporte e tornar o jogo mais presente nas aulas de Educação Física Escolar e com aplicabilidade dentro e fora da escola? Como trabalhar a disciplina de Educação Física Escolar, para que suas práticas sejam envolventes e significativas a ponto de serem canalizadas para a vida cotidiana do educando?

Conceber a Educação Física como um componente curricular com características definitivas seria desconsiderar as pluralidades culturais de um país como o Brasil, onde as diversidades de cada região precisam estar contempladas através do processo da prática pedagógica e que, como tal, envolve os aspectos: humano, cultural, social e político. Humano, quando solidifica valores; cultural, na perspectiva da cultura do movimento; social, enquanto convivência e trabalho compartilhado; e, finalmente, político, quando desperta o espírito de luta em busca de sonhos, projetos, melhorias e reconhecimento.

A construção, a aplicação e a avaliação de um currículo precisam estar orientadas de forma que a prática docente não percorra os caminhos da homogeneização de suas práticas pedagógicas, desrespeitando a pluralidade cultural de seus sujeitos, alunos e professores.

Os saberes tratados na Educação Física Escolar nos remetem a pensar que existe uma variedade de formas de aprender e intervir na realidade social os quais derivam da forma de conceber o mundo, o homem e a sociedade.

Os alunos que participam das aulas de Educação Física no ensino médio são

sujeitos socioculturais que precisam ser entendidos e respeitados na sua condição de jovens, com suas diferenças, suas trajetórias, suas visões de mundo, seus valores, comportamentos, projetos, sentimentos e emoções.

É possível assinalar, tal como enuncia Freire (2002), que o presente, o aqui e agora não existem, não são para serem vividos, pois a escola é um caminho de direção única, ou seja, o sucesso profissional, inicia desde a pré-escola. Vale destacar: o termo pré-escola indica preparação para a escola; a educação infantil encaminha para o ensino fundamental, que, por sua vez, prepara para o ingresso no ensino médio, que consecutivamente, oportuniza a formação universitária, e, finalmente, o ingresso no universo do trabalho e da capacidade de subsistência. Essa explanação, conforme enuncia Freire (2002), serve de alerta para que se perceba o quanto a escola e no que tange a este artigo, a Educação Física Escolar, pode parecer estranha e desinteressante ao aluno, uma vez que os objetivos de busca são maiores que a própria prática do dia-a-dia, estimulando o desenvolvimento de habilidades físicas, a partir de uma linguagem corporal, por vezes, estranha ao contexto escolar. Nesse contexto, onde está a felicidade? É indiscutível a necessidade de agregar conhecimentos. No entanto, esse processo precisa acontecer de forma gradativa e associado ao saber construído e acumulado historicamente pelo educando.

Creditar à disciplina de Educação Física Escolar a obrigatoriedade de vencer etapas na excelência do movimento humano, buscando objetivos específicos e alcançando padrões, técnicas, habilidades físicas dissociadas da realidade do educando e desconsiderando o prazer da prática pela prática concorre para uma não legitimação da disciplina, uma vez que a sua bandeira estaria apontando apenas para o treinamento. Função essa que deve ser acometida pelas equipes em treinamento.

O desafio é compreender e respeitar a complexidade humana onde as dimensões culturais e sociais sejam identificadas e concebidas de modo indissociado. Kunz (1998), de certa forma, reforça esse conceito quando concebe a Educação Física Escolar atual através do viés da unidade do ser humano, isto é, existe uma cultura humana e não pode existir nenhuma atividade culturalmente produzida pelo homem que não seja corporal. Lança mão da concepção de homem de Merleau-Ponty para referendar o homem como um ser no mundo. Portanto, segundo Kunz (1998, p.100), é possível afirmar que “o ato de pensar é tão corporal quanto correr”.

Ainda, segundo alguns dos pressupostos referendados por Kunz (Palestra do

Curso de Formação Continuada no município de São João do Polêsine em 27.09.2007 onde o tema central foi “O esporte na sociedade atual”), o conteúdo esporte, na sua forma mais íntegra, pode ser tanto cruel (quando leva o atleta ao stress e até mesmo à morte) quanto pertinente (quando abordado como fenômeno social).

Os questionamentos acima podem parecer estranhos e complexos, mas o fato de identificar a necessidade de buscar novos conhecimentos, a partir de questionamentos que por ora estavam adormecidos e de buscar sistematizar a experiência advinda da docência podem ampliar a ação pedagógica e o universo teórico-prático do campo da Educação Física Escolar.

É possível que não se encontrem respostas imediatas, mas, se os estudos, os questionamentos e as trocas de experiências acrescentarem alguma contribuição para o dia-a-dia da Educação Física Escolar, já estaremos avançando para a construção de um currículo que seja capaz de ratificar a importância deste componente curricular no universo escolar.

A busca incansável de um currículo cada vez mais pertinente, com a aplicação de uma metodologia agregadora, cooperativa, enriquecedora, prazerosa e significativa para o aluno só terá êxito se o profissional de Educação Física Escolar deixar de ser somente um professor limitado na reprodução de atividades para transformar-se em um professor-pesquisador. Por que pesquisar? Pesquisar para que os conteúdos trabalhados (no sentido mais amplo da palavra) agreguem significado, estimulem o aluno e possibilitem ser um agente na construção do processo ensino-aprendizagem. Pesquisar para transformar práticas autoritárias e unilaterais em momentos de construções coletivas e trocas de informações, onde o aluno dá lugar ao ser humano em construção, e o professor cede espaço ao educador. Pesquisar para elencar e proporcionar para os alunos do ensino médio o maior número de práticas corporais possíveis.

A idéia é de que esses jovens adquiram maior autonomia na vivência, criação, elaboração e organização das práticas, bem como uma postura crítica tanto no papel de espectador quanto no de ator no tempo livre, ou seja, na fruição da vivência.

Além disso, os saberes da Educação Física Escolar deverão ser capazes de preparar os jovens para uma participação política no que tange à oportunização e organização de espaços e recursos públicos para a prática de esporte, ginástica, dança, luta, jogos populares.

O currículo escolar não pode ser considerado algo pronto e acabado. Sua

elaboração e desenvolvimento são frutos de muitas escolhas e intenções, responsáveis por saberes, valores e formas que farão parte da vida dos educandos.

Um dos grandes desafios das ações pedagógicas pertinentes é a quebra da hegemonia da esportivização, que é responsável por um processo de seleção onde os mais habilidosos, por natureza, garantem o seu espaço e tantos outros se transformam em expectadores ou excluídos.

O esporte é e deverá continuar sendo um dos conteúdos da Educação Física Escolar, no entanto esse fenômeno social não pode ser soberano e trazer na sua essência a competitividade. O esporte pode ser tratado a partir da possibilidade de sua reinvenção por alunos e professores. Isso implica a reformulação das práticas docentes, eliminando o formato de treinamento como estrutura para as aulas de Educação Física Escolar.

A Educação Física Escolar, por meio de suas atividades esportivas, consolidou uma visão de que não se pode viver, ou sobreviver, sem competição. Como destaca (Kemmer, 2000, p. 13), “a competição é realmente inerente ao homem, isso posto não queremos renegá-la e/ou retirá-la do convívio de nossos alunos, temos sim que repensar os conteúdos e estratégias nas aulas de Educação Física...”.

As práticas corporais precisam ser reconhecidas como direito social de vivência e produção de cultura e como conhecimento que desmistifica a massificação do esporte e políticas de “caça talentos”.

Esporte e Jogo

Nesse contexto, a aula de Educação Física Escolar concede um espaço ao jogo, conteúdo esse capaz de aproximar o aluno da prática, resgatar saberes, envolver sem classificar e construir conhecimentos enfraquecendo a exclusão e o sentimento de incapacidade.

O exercício da liberdade no jogo considera o outro como categoria básica e indispensável para que o mesmo aconteça, criando e recriando valores, papéis e funções sociais, cenários, objetos e momentos significativos. O jogo é, também, o meio de colocarmos o educando em atividade, em movimentos familiares que, aperfeiçoados, promovem resultados superiores física e moralmente em relação àqueles que não jogam. Para tanto, o professor representa a figura do mediador adequando as práticas de acordo com a faixa etária, o entusiasmo e os resultados almejados.

O processo de repetição, realizado de forma criteriosa, promoverá a

memorização das regras, a eliminação dos receios e proporcionará tomada de decisão, domínio de si, espírito de justiça e honestidade, sem perder o viés da alegria e satisfação.

O jogo, em sua essência, ultrapassa os limites da atividade física ou biológica, bem como vai além das necessidades fisiológicas. Seu desenrolar vislumbra o aspecto humanístico, os grupos se aproximam, envolvem-se, sentem-se engajados, responsáveis e importantes. O prazer e a alegria são objetos do processo, e isso acontece sem desmerecer as regras e reconhecendo no outro a parceria necessária para que esse convívio social aconteça.

Existem várias formas de jogos, algumas mais descontraídas, outras mais sérias, e em algumas situações até cômicas. No entanto, todas essas variações, respeitando suas características, promovem integração, desafios, conquistas e até mesmo algumas contrariedades, mas, de modo geral, o resultado é positivo, instigante, desafiador e estimulante. Não raro, ao final de cada encontro promovido pelo jogo, os grupos se fortalecem e promovem novos encontros.

Segundo Huizinga (1993), o jogo apresenta características essenciais que devem ser conhecidas, reconhecidas e analisadas. A primeira característica é a liberdade. Sua obrigatoriedade só acontece no momento em que o prazer provocado pelo mesmo se transforma em uma necessidade. Não há imposição, não constitui uma tarefa. A segunda característica dá ênfase ao jogo como fenômeno social e cultural desinteressado. O mesmo situa-se fora do mecanismo de satisfação imediata das necessidades e dos desejos, pelo contrário, constitui-se numa atividade temporária e autônoma onde a satisfação consiste na própria realização. A terceira característica determina que o jogo possua sentido próprio, ou seja, ele distingue-se da vida comum tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa. O jogo vai até o fim dentro de certos limites de espaço e de tempo. E a quarta característica determina que, dentro do domínio do jogo, exista uma ordem específica e absoluta. Ele cria ordem e introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada. Há nele uma tendência para ser belo.

Huizinga (1993) assinala, ainda, que o jogo lança sobre nós um feitiço: é fascinante, cativante, só acaba com o apito do árbitro que quebra o feitiço, e a vida real recomeça.

Assim, o jogo como componente para a Educação Física Escolar, e a Educação Física Escolar como possibilidade para o jogo promovem o desenvolvimento de

qualidades pessoais, de cooperação, de socialização e de criatividade. Mas não é qualquer jogo, pois se resumir ao jogo competitivo pode gerar, ao invés de aproximação, distanciamento entre os participantes, disputa e sentimento de incapacidade para os vencidos.

O jogo é uma atividade que se processa dentro de certos limites temporais e espaciais, seguindo uma determinada ordem e um dado número de regras livremente aceitas, e fora da esfera da necessidade ou da utilidade material. O ambiente em que ele se desenrola é de arrebatamento e entusiasmo, e torna-se sagrado ou festivo de acordo com as circunstâncias. A ação é acompanhada por um sentimento de exaltação e tensão, e seguida por um estado de alegria e distensão. (Huizinga, 1993).

O jogo absorve a virtude de poder ser lúdico e, ao mesmo tempo sério, criterioso e prazeroso. É um fazer de conta com consciência. O jogo é também a fonte inspiradora dos esportes. Provavelmente o esporte tenha sido um jogo ou uma brincadeira algum dia.

Partindo do princípio de que o esporte nasce a partir do jogo, não raro são utilizados os jogos como procedimentos metodológicos para o processo ensino-aprendizagem dos esportes.

Para Freire & Scaglia (2003, p.146), o esporte é um jogo em seu contexto mais social, porque universal e rigorosamente regrado para permitir a convivência de muitos povos, colaborando, assim, para a emancipação quanto ao aspecto gerador jogo e ratificando a sua prática enquanto modalidade autônoma.

A legitimação do esporte enquanto conteúdo inerente à disciplina de Educação Física é indiscutível. No entanto, o que precisamos alertar, é a fragilidade desse conteúdo quando o mesmo se apropria do rendimento, da competição e da exclusão, do nível técnico e tático, para selecionar ou incluir seus alunos-atletas participantes.

Enquanto educadores, nós, profissionais de Educação Física, não podemos concorrer para o descaso em relação aos educandos que não se identificam com o esporte propriamente dito. Portanto, o mesmo pode e deve fazer parte do processo, mas jamais poderá ser único ou transformar a disciplina de Educação Física em refém.

Para minimizar os possíveis equívocos provocados pela esportivização da Educação Física podemos nos apropriar de um esporte com características educacionais, ou seja, construir uma metodologia de aplicação em prol da formação integral do educando. Primar pelo conhecimento, pela emoção, razão, socialização, integração, superação saudável e crescimento do bem-estar coletivo. Sob esse aspecto, a

competição, a rivalidade, a frustração não se refletiriam de forma contundente no processo.

Educação Física Escolar Para o Ensino Médio: Estudo e Perspectivas

A Educação Física situa-se como uma área pedagógica muito rica, composta de saberes em construção onde o currículo escolar jamais contemplará um documento pronto e acabado. Suas características demandam escolhas criteriosas e capazes de proporcionar a oportunidade de vivenciar o maior número de práticas corporais possíveis. As aulas de Educação Física podem ir além dos muros da escola, explorando espaços como ruas, praças, parques, morros, piscinas, enfim, espaços alternativos existentes nas imediações da escola e que favoreçam, de forma segura e enriquecedora, a disciplina.

Além disso, é preciso levar em consideração, no momento de sistematização de um currículo, os saberes já constituídos pelos educandos do ensino médio, oriundos de outras práticas, em outros espaços, inclusive em tempos sociais diferentes.

Considerando esta faixa etária, encontraremos educandos com uma multiplicidade de experiências bastante diferenciadas, fruto de uma infância e adolescência vivida em espaços sociais e grupos comunitários diferentes. Ou, simplesmente, pelo maior ou menor número de oportunidades encontradas.

Independentemente do repertório trazido pelo aluno, o mesmo deve ser respeitado e incluído no processo, de forma a respeitar a cultura de movimento que já está pronta e socializá-la aos demais, possibilitando um intercâmbio de saberes e uma valorização do adolescente como indivíduo social capaz de interagir e contribuir no processo de ensino-aprendizagem.

As indagações sobre currículo presentes nas escolas e na teoria pedagógica mostram, segundo Gomes (2008), um primeiro significado: a consciência de que os currículos não são conteúdos prontos a serem passados aos alunos. São uma construção e seleção de conhecimentos e práticas produzidas em contextos concretos e em dinâmicas sociais, políticas, culturais e pedagógicas.

O currículo pode ser considerado uma atividade produtiva e possui um aspecto político que pode ser visto em dois sentidos: em suas ações (aquilo que fazemos) e em seus efeitos (o que nos faz).

De acordo com Arroyo (2008), os educandos nunca foram esquecidos nas

propostas curriculares; a questão é com que tipo de olhar eles foram e são vistos. Podemos ir além: com que olhar foi e são vistos nas suas diversas identidades e diferenças? Será que ainda continuamos discursando sobre a diversidade, mas agindo, planejando, organizando o currículo como se os alunos fossem um bloco homogêneo e um corpo abstrato?

A Educação Física Escolar como componente curricular foi e é, ao longo de sua história na educação brasileira, palco de debates, conflitos e negociações acerca do seu papel na Escola.

Diversos papéis foram atribuídos à Educação Física Escolar na escola: preparação do corpo para o mundo do trabalho, eugeniação e assepsia do corpo, formação de atletas, terapia psicomotora e até instrumento de disciplinarização e interdição do corpo.

Além disso, a Educação Física Escolar tem o papel de influenciar o educando para que o mesmo tenha compreensão e percepção do movimento, descobrindo o corpo, seu significado, sua importância, sua potencialidade e consciência de suas limitações.

A disciplina de Educação Física Escolar legitimou, ao longo do tempo, alguns conteúdos que não podem ser desconsiderados, ou seja: a recreação, o jogo, o esporte, a ginástica, a dança, as lutas, as atividades em contato com a natureza, os eventos característicos das demandas que a disciplina oferece, além de um ambiente de convívio social mais livre, descontraído, alegre e, com certeza, formador de grandes amizades.

Porém, o grande desafio é promover uma articulação pedagógica dessa rica demanda de conteúdos, respeitando os temas específicos do componente curricular, sem esquecer as contribuições do educando, percebendo e entendendo as diferenças culturais de movimento que são resultado de aprendizagens do dia-a-dia, diretamente influenciadas pelo contexto onde estão inseridas.

Vencendo esta dificuldade, nós, educadores desta área de conhecimento tão rica e por vezes tão contraditória, estaremos promovendo educação sem repressão, construindo e reconstruindo saberes sem exclusão, promovendo hábitos e atitudes nos aspectos físicos e emocionais, e, quem sabe, contribuindo de forma decisiva para que a escola seja um espaço social promotor de educação e cultura com viés de felicidade e emancipação.

O desafio situa-se, como assinala Kunz (1991, p.19), no

(...) compromisso de conseguir transformar as suas especificidades

práticas em tarefas pedagógicas desejáveis. Ou seja, não excluir a prática do Esporte, movimentos e jogos, mas através deles desenvolver a Função Social e Política que é inerente a toda ação pedagógica. Para que discrepâncias existentes no contexto sócio-cultural brasileiro possam ser compreendidas nos diferentes níveis culturais e nas diferentes classes sociais é necessário que, através da Educação, incluindo aí a Educação Física, se consiga que a Situação Sócio-política se torne clara, transparente e consciente a todos.

Considerações Finais

Educar representa um processo em construção. Minúsculas são as situações definitivas. Independentemente do componente curricular, a inter-relação educador e educando vai definir os caminhos que serão trilhados durante o processo ensino-aprendizagem.

Os conhecimentos e as experiências do profissional, o apoio pedagógico, a estrutura física e instrumental são importantes e inerentes ao processo. No entanto, a sensibilidade do educador favorece a percepção em relação aos interesses, necessidades, carências e dificuldades apresentadas pelos educandos. Conciliar com sabedoria todos esses fatores intervém de forma positiva e enriquecedora no processo educativo, bem como favorece o seu desenvolvimento, promove um ambiente estimulante, motivador e coerente com a realidade dos educandos.

Enfatizando de forma específica a disciplina de Educação Física Escolar, muitos são os conflitos que permeiam o processo educativo. Apesar de uma vida docente de quinze anos de atuação, as dúvidas e incertezas continuam no que diz respeito a um currículo pertinente. A cada início de ano letivo, um planejamento é construído, bem como, ao final, um feedback avaliativo se faz necessário. No entanto, a inexistência de um programa por série atribui uma autonomia, por vezes difícil e comprometedor, aos profissionais de Educação Física Escolar.

Depender exclusivamente dos conhecimentos e das experiências dos profissionais promove um leque de rotinas escolares que não garante uma gama de conhecimentos de forma plural e seqüencial, transformando os alunos em reféns dos profissionais que por ele passarem em sua vida escolar.

O “descaso” com a disciplina de Educação Física Escolar, justificado pela diversidade regional e pela autonomia curricular das instituições de ensino, concorrem para a fragilidade de uma base curricular que já construiu um corpo de conhecimentos,

mas que não se faz aplicar de forma homogênea e ratificadora.

O processo de auto-avaliação e de reflexão didático-metodológica proporcionada pela pesquisa bibliográfica e documental representa um dos seus grandes benefícios, o qual, muitas vezes contribui, de forma decisiva para uma abordagem de ordem profissional qualificada.

Os profissionais envolvidos com educação jamais estarão prontos. Os contextos representam momentos e situações em processos constantes de mudanças, por isso somente uma formação continuada e envolvente amenizará possíveis defasagens. Para tanto, torna-se imprescindível que todo profissional educador seja um constante pesquisador.

Referências:

ARROYO, Miguel G. **Indagações sobre currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo** / [Miguel González Arroyo]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.

BRACHT, Valter & CAPARROZ, Francisco Eduardo. **O Tempo e o Lugar de uma Didática da Educação Física**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte: Campinas, v.28, n.2, p.7 - 238, janeiro 2007.

CORREIA, Marcos Miranda. **Jogos Cooperativos: Perspectivas, Possibilidades e Desafios na Educação Física Escolar** - Revista Brasileira de Ciências do Esporte: Campinas, v.27, n.2, p.7-188, janeiro 2006.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física Escolar na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação** / [Cláudia de Oliveira Fernandes, Luiz Carlos de Freitas]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física Escolar**. São Paulo: Editora Scipione, 1999.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. Scipione, 2002.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, A.J. **Educação como Prática Corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo** / [Nilma Lino Gomes]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.

GONZALES, Fernando Jaime, FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário Crítico de Educação Física Escolar**. Ijuí: UNIUI ed., 2005.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: O Jogo Como Elemento Da Cultura**. São Paulo: Ed. Perspectiva. (1993).

KEMMER, A.V.M. **A Influência Da Competição Na Vida Escolar Do Educando**. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. IV, 2000. Niterói, Anais... Niterói, Universidade Federal Fluminense. Departamento de Educação Física, 2000, p.13-15.

KUNZ, Elenor. **Educação Física Escolar: Ensino e Mudanças**. Ijuí: UNIUI ed., 1991.

_____. In: KUNZ, Elenor (Org.). **Didática da Educação Física**. Ijuí:Unijuí, 1998.

LIMA, Elvira Souza. **Indagações Sobre Currículo: Currículo E Desenvolvimento Humano** / [Elvira Souza Lima]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Educação Física Escolar**/Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Departamento Pedagógico. **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**/Secretaria de Estado da Educação. Porto Alegre: SE/DP, 2009. V.2